

the mission uk
GOD'S OWN MEDICINE

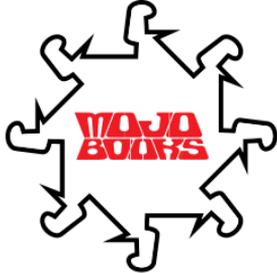
recontado por
MARCELO BRETTON



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador



VOLUME 33

GOD'S OWN MEDICINE
the mission UK

recontado por **MARCELO BRETTON**



VOLUME 33

GOD'S OWN MEDICINE
the mission UK

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Julho de 2007

CAPÍTULO I

“BEM VINDO A ROBLEDO”, dizia a placa torta, enferrujada e furada de balas na entrada decrépita daquele lugarejo perdido, sujo e longe, bem longe da cidade mais próxima. Longe, bem longe do interesse dos bisbilhoteiros que representavam a lei. Homens com estrelas no peito que, por temer aquelas bandas, preferiam disfarçar-se de cães sarnentos latindo por carcaças na porta dos açougues a portar-se com a “má educação” de impor a lei naquele covil.

Um dia, porém, esse fim de mundo virou de cabeça pra baixo. Em parte, por culpa de uma garota de oito anos chamada Irina e sua descoberta inequívoca. Assim o mundo descobriu aquele empoeirado arremedo de cidade chamado Robledo. Reduto de bandidos, bandoleiros, ciganos, foras-da-lei e covas de esqueletos anônimos. Esconderijo para espécimes do submundo, clube de elite de temidas matilhas e das corjas mais malvadas. Mas enfim, como eu disse, tudo mudou depois que Irina proferiu aquelas singulares palavras:

— Voinha, corre aqui. A Santa tá chorando!



A avó da garotinha, uma rotunda religiosa de primeira hora, sinistra em seus eternos trajes pretos e figura medianamente respeitada na esfrangalhada e decrépita comunidade, não contou até três. Vistoriou a Santa e constatou o lacrimejo que abundava dos olhos da pequena estátua. Atônita, com as mãos chacoalhando por presenciar um milagre, trajando apenas as suas anáguas, correu esbaforida para a rua aos berros:

— Milagre, milagre! A minha Santinha está se esvaindo em lágrimas — e, ajoelhada no meio da rua barrenta, chorou até não mais poder, levando as mãos ao céu agradecendo por ter sido abençoada.

Uma combinação perfeita, a conjunção dos fatores que somaria sua fé inabalável na Cristandade a sua sina de apreço pela ganância e luxúria. Quem sabe quanto dinheiro poderia render aquele fato? O máximo que conseguisse extrair daquele garimpo prodigioso! Agarrou-se ao terço e começou a rezar ali mesmo, sentada na rua barrenta sob o sol escaldante de uma tarde naquele fim de mundo.

Rapidamente a notícia correu. Os telegrafistas, com os seus dedos febris, encarregaram-se de espalhar as boas-novas às regiões vizinhas. A cúpula do crime temia uma invasão desordenada na cidade e suas nefastas conseqüências para a tranqüilidade dos



negócios. A economia de Robledo girava em torno dos hotéis-esconderijos que abrigavam as harpias humanas vindas de todos os quadrantes. O que menos queriam por ali era a curiosidade alheia e as reticências dos homens de fé. Para narizes torcidos, o remédio era uma bala na fuça.

— Há que se temer o que virá.

— Não creio, comparsa Toti. Acho que podemos lucrar com toda essa história de Santa que chora.

— De que jeito, camarada Conde?

— Não foi à toa que o nosso plano já começou a dar certo. Foi tudo minuciosamente traçado. Acompanhe o meu raciocínio. Essa horda esperada é de gente peregrina e com alguns trocados no bolso, disposta a comprar tudo o que lembre a tal Santa. É gente de bem. Temos que começar a agir. A primeira providência será remodelar a fábrica de disfarces para fazer as batinas do grupo. Temos de nos passar por religiosos e nos misturar.



CAPÍTULO II

Um caminhão é tomado de assalto por um bando de padres numa estrada longe do vilarejo.

— Essa batina está me matando.

— Agüenta firme e não esquece de fazer o sinal da cruz.

— Pra quê, homem? Já estamos condenados a ir pro inferno depois dessa.

— O caminho pro inferno é cheio de atalhos, colega. É um deles que vamos pegar bem antes de chegar lá.

— Deus te ouça.

— Cala a boca e vamos.

A ingenuidade fora derramada há muito e toda a propagação inflamada pelo ódio desbastou os resquícios de esperança de salvação. O típico era a prática corrente de maldades que já vinham em pacotes com acessórios gratuitos, tais como bofetadas, coronhadas e, às vezes, algo pior, dados por merecimento pelas leis intelectuais dos coliformes do crime. O ninho das serpentes estava em constante evolução e nunca parava de dar cria. A fabricação em série de seres com defeito de fabricação que enganavam



o crivo humano continuava, despejados no lixão marginal. Nada mais coerente que a junção de seus poderes e a constante troca de sabedoria de mal intuitos.

O bando exige a carga. O motorista coça a cabeça sem entender o pedido dos padres mascarados e armados até os dentes.

— Eu só estou transportando crucifixos aí atrás. Vou levar pra festa da padroeira. Acho que vocês erraram de caminhão.

— Não, não erramos não — disse um dos assaltantes aplicando uma coronhada na cabeça do caminhoneiro confuso enquanto os outros abriam a traseira do veículo para checar a carga preciosa que teria de ser transportada pra Robledo, seguindo as ordens de Conde.

— Maluquice essa idéia do chefe. Que diabos vamos fazer com tanta cruz?

— Olha a boca quando falar de coisa santa! O Conde sabe o que faz.

Vilanhas pequenas, médias ou grandes. Não importava o tamanho ou o peso que teriam para as consciências murchas, pois nada mais eram do que práticas amorfas sem nenhum efeito maléfico para os executores. Tal qual sair pra trabalhar ou beber água, o automático da coisa era ligado por um botão emperrado



que não voltaria jamais à sua condição anterior. E ia-se levando as coisas na violência, onde cabia muito mais da sua insaciável condição de sorvedouro da paz ou fábrica do caos. Um perfeito ornamento na parafernália doentia de seres que rastejavam por um pouco de sangue. Alheio.

— Senhor, o que nós temos aí atrás é gesso — e tome-lhe outra coronhada em outro motorista pelo mesmo bando profano.



CAPÍTULO III

— A fábrica já tá pronta?

— Quase. Falta apenas fazer o molde. Mas pra isso teremos que emprestar o original da velha.

— Acho que sei como convencê-la. Ela é uma de nós.

Toti pôs-se em marcha na direção da casa-santuário elaborando a proposta a ser feita. A partir daí teriam o negócio em funcionamento.

— Dona Peralta, trinta por cento para a senhora na venda das imagens da santa.

— Cinquenta e você leva ela agora.

— Feito.

— Mas tenho uma outra condição. Vocês terão de reativar a igreja. Não deveriam ter escorraçado o padre Altamir. Ele era um homem bom, temente a Deus.

— Seria melhor se na ocasião ele não tivesse nos denunciado.

— Foi pressão do Bispo.

— Eu lembro, mas foi ele quem deu com a língua nos dentes.



— O pobrezinho passou a beber no saloon da Berenice, que ele chamava de Jardim das Delícias quando já estava alto.

— Foi daí que ele ficou corajoso demais para um padre. Se ele se ativesse às suas obrigações religiosas e nós às nossas negociatas, estaria tudo muito bem até hoje.

— Não dá para convocá-lo para uma conversinha?

— A senhora tinha um caso com ele?

— Não te darei o gosto da resposta.

— Não há necessidade.

— Mas não há um jeito de você achá-lo?

— Há sim, mas creio que ele não será de muita utilidade agora.

— Por quê?

— Ele está numa cova rasa uns cinco quilômetros depois da curva do rio.

— Seus miseráveis.

— Negócios à parte, certo?

No mesmo dia a Santa voltou ao seu altar original. O molde ficou pronto e a fabriqueta de imagens estava a todo vapor. O movimento de forasteiros em Robledo começava a aumentar gradativamente à medida em que os peregrinos mais corajosos chegavam e saíam da cidade sem nenhum arranhão. Mais e



mais pessoas procuravam hospedagem nos estabelecimentos da cidade. Irina ficava com um cesto de palha na entrada da casa da avó recolhendo os donativos, afinal não era boba nem nada. Metade para a voinha e metade para ela mesma. Todo o comércio da cidade agora tinha um novo perfil: vender todos os cacarecos possíveis com o nome da Santa. E vendiam como água.

O viço bom teimava em querer entrar na cidade pelo seu claustro, mas era impedido por uma clarabóia negra que pairava sobre os semblantes negativos. Fiéis de coração puro misturados a lobos maus. Benquistos na sua benfazeja vontade de se emocionar bebiam o seu leite morno matinal, enquanto os malvistas no seu ódio de querer matar lambiam o próprio suor pra matar as outras sedes. Um embate silencioso, mas não menos encarniçado e aterrorizante.

Com a chegada iminente da Semana Santa, Conde, o facínora mais proeminente do vilarejo, rendeu-se a uma idéia. Planejaria e trataria de pôr em execução a encenação da Paixão de Cristo mais realista que o mundo já vira. Com sangue de verdade, pregos de verdade e morte de verdade. Quanto à ressurreição, não poderia fazer muita coisa, aí também já era querer demais. Pretendia montar um circo de apelos pra manter a grana entrando antes que descobrissem que as lágrimas da Santa poderiam ser alguma goteira no telhado da casa da raposa felpuda.



CAPÍTULO IV

— Imagino algo grandioso para que o público possa ter certeza de que tudo o que está vendo é real.

— E quem irá se candidatar ao papel principal?

— Não haverá candidato algum. Seqüestramos o filho-da-mãe do Zuca Pileque na marra.

— O mendigo bêbado?

— Ele mesmo. Com aquela barba e aquele cabelo, ele será perfeito.

A androginia do rapaz passava uma falsa impressão de serenidade naquele semblante perturbado pelos eflúvios da aguardente barata. Saracoteava pela cidade num ziguezague já conhecido de todos, segurando uma caixa de papelão velha debaixo do braço com todos os seus pertences. Coisas velhas e sem nenhuma utilidade, mas que simbolizavam algo para se cuidar, algo seu. Não se sabia do passado ou de histórias a respeito dele, mas sabia-se que ele não era do mal. Não compunha os noventa e nove por cento. Apenas apareceu num dia qualquer como uma miragem no calor, todo ensangüentado. Tinha levado uma surra,

mas nunca disse de quem e nem por quê. Calado chegou, calado ficou e provavelmente calado morreria pelos planos dali.

— Acorda Zuca.

— O quê?!

— Venha conosco.

— Pra onde?

— Vamos te dar o céu, meu velho.

— Não.

E assim foi arrastado pelas ruas nojentas e sujas de Robledo como um cachorro leproso, sem dar um pio ou lutar pela sua liberdade.



CAPÍTULO V

O ápice do golpe era a ruptura total, o desrespeito, o supremo sacrilégio, apenas por diversão e por bamburro, lógico. Sabia por alto que durante a Semana Santa a igreja celebrava os mistérios da reconciliação, realizados por Cristo nos últimos dias da sua vida, a começar por sua entrada messiânica em Jerusalém. O que queria de fato era a entrada messiânica de dinheiro nos seus bolsos.

— Casa cheia? — perguntou Conde ajeitando a cartucheira por baixo da batina.

— Lotada — respondeu Toti, contando a grana da bilheteria.

— Já sabem o que têm de fazer?

— Tudo foi ensaiado em detalhes e não há como dar errado.

— Não dá pra sustentar o bando inteiro, mas ficaremos uns tempos de perna pra cima.

— Acho até que você deve repensar a questão da igreja aqui em Robledo.

— Veremos isso depois. Quem sabe não faço um agrado pra velha, afinal devemos isso tudo à sua fé.

E puseram-se a gargalhar até doer o baixo ventre. Naquele instante as luzes do palco ao ar livre foram acesas, revelando vários cenários dispostos próximos ao público, que soltou uma expressão de êxtase pela riqueza de detalhes e o dinheiro investido. Era muito para um vilarejo deveras pobre e distante, muito distante geograficamente de qualquer aglomerado minimamente urbano.

A peça improvisada pela parrelha de cães do mal transcorreu sem novidades até o momento da crucificação. Zuca estava de fogo e chorando de dor, arrastando a cruz e sendo chicoteado sem dó enquanto o público vibrava, achando sua interpretação de Cristo exuberante e pra lá de convincente. Puseram a cruz deitada, agarraram Zuca e o pregaram literalmente com batidas de martelo entremeadas de urros, gritos e sangue. Levantaram a cruz, enterraram-na nas areias ressequidas dos arredores da cidade. Foi quando Conde bradou ao microfone:

— Voltaremos amanhã, para assistir a ressurreição de Jesus mais espetacular que os seus olhos já presenciaram.

E o público foi se dissipando, olhando de soslaio, fascinado, em direção ao pobre homem desmaiado de dor e sangrando feito



porco próximo de virar toucinho.

— Toti, amanhã cedo tiraremos este presunto da cruz e o enterraremos pra ele fazer companhia ao padre lá na curva do rio. Substituiremos por um dos nossos, maquiado e com pregos falsos. Vamos, ainda temos que repartir a grana.



CAPÍTULO VI

Três horas da madrugada. Um toc-toc lento e insistente se fazia ouvir na porta da casa de Conde. Ele acordou, pôs o roupão e desceu as escadas praguejando e resmungando, jurando matar quem quer que estivesse interrompendo o seu sono. Atravessou a sala, suntuosa pros padrões da cidade, procurou a chave tateando numa peça de madeira próxima à porta. Escolheu a chave maior para enfiar na fechadura. Girou-a lentamente pra abrir a porta num movimento mais rápido, preparado pra cuspir os impropérios de costume.

— Quem você acha que é seu merda pra... pra... o quê? Zuca, o que houve? Como você... se... se... safou da cruz? Sua aparência está... horrível! — gaguejou, dando passos pra trás enquanto o zumbi de mãos e pés dilacerados adentrava a casa do facínora a fim de devorar algum de seus órgãos e comer um pedaço da sua carne. Não houve luta, já que Conde, congelado de medo, pregou os olhos na figura deformada de Zuca como a ver o próprio Diabo na sua frente. O zumbi passou o braço por trás da cabeça do homem e dobrou-a para expor o pescoço latejante. Pousou a



boca na jugular e arrancou um naco suficientemente grande pra matar Conde. Dois minutos depois, o recém-morto levantou-se do chão com os olhos revirados, sedento de sangue humano. Saíram ambos da casa, num balé característico dos zumbis, pra consumir suas sinas.

Em menos de vinte e quatro horas, todos em Robledo tornaram-se zumbis assassinos. Exceto o telegrafista agnóstico que enviou mensagem ao bispo e depois fugiu a pé pela estrada, impedindo que novos peregrinos entrassem na cidade e tivessem aquele triste fim.



CAPÍTULO VII

Revelações perderam suas cores e as conexões foram desfeitas. O vazio de calma aparente sugava o destemor, e o silêncio jazia no relento de uma decomposição lenta e gradual. Nada mais acontecia por longas frações de tempo. O vento abrasivo transportava a poeira que pousava somente pra alçar vôo novamente. As ruas estavam coalhadas de cadáveres.

Um ônibus transportando sete capelães exorcistas a bordo chegou a Robledo para efetuar “a limpeza”. Não havia água-benta na bagagem, nem cruzeiros benzidas ou qualquer clichê do gênero pra ser usado em combate. As armas, mesmo, estavam escondidas debaixo das batinas. Metralhadoras portáteis e fuzis com munição especial. Habilmente começaram a montar o arsenal na praça principal de olho no movimento ao redor.

Tudo se resumia ao fedor insuportável de chorume, mas ainda se via uns poucos se levantarem ao sentir cheiro de carne fresca e iniciar uma marcha suplicante na direção dos capelães caubóis. Os religiosos puseram-se alinhados em círculo, empunhando cada um o seu senhor das providências, com um deles



falando em voz alta:

— Não se pode matar o que já esta morto.

Fizeram o sinal da cruz, beijaram os seus crucifixos e entraram em ação.

O que se seguiu foi o extermínio cabal das criaturas hediondas. Balas zuniam, ricocheteavam e acertavam seus alvos com incrível precisão. Um a um, os mortos vivos caíam pesadamente nas ruas para não mais se levantar. A chuva de projéteis enterrava de vez a saga corroída de personagens vis, de uma cidade fadada a afundar na lama sem misericórdia.

No esfriar definitivo dos canos fumegantes, tudo era desolação e alívio. Uma equipe de suporte composta de párocos da região alcançou a cidade pra enterrar os restos sob a supervisão do bispo que viera especialmente transportando um carro pipa de água-benta para borrifar nas sepulturas. Robledo tornou-se uma cidade fantasma de sina sangrenta e destino agourento. Passaram-se meses sem que ninguém tivesse coragem de pôr os pés lá, a não ser que fosse um desavisado vindo de longe e desconhecendo as histórias correntes.

CAPÍTULO VIII

— O que fazemos agora meu amor?

— Calma. Acho que estamos bem perto. Precisamos nos livrar da carga e então decidimos.

E ele pôs-se a acelerar a picape pela estrada esburacada sem sinal de vida até chegar na entrada da cidade fantasma.

— É aqui. E vai ser bem aqui.

Desceu do veículo segurando uma pá e pôs-se a cavar. Quando concluiu que estava profundo o suficiente, foi até a camba do veículo e, com dificuldade, arrastou um saco pra fora. Colocou-o sobre os ombros num movimento rápido e preciso. O defunto ainda estava quente.

— Ele teve o fim que mereceu — disse o homem jogando o cadáver no buraco e abaixando-se pra pegar a pá.

Concluiu o enterro e, suado, olhou o horizonte. Pôs as mãos ao redor do pescoço da mulher e beijou-a.

— Talvez possamos ficar uns tempos por aqui, reiniciar a nossa vida. Temos mantimentos e água para alguns meses. Quem sabe até ter uns filhos e repovoar isto aqui tudo, pra então



pensarmos em voltar.

Nesse momento ele ouviu um pigarro às suas costas e virou-se rapidamente. Viu uma garotinha suja e descabelada, com olhos sem expressão. Ela não tinha mais de dez anos, e estendia um dos braços em sua direção, com uma maçã na palma da mão.

— Quer dar uma mordida?



FIM



GOD'S OWN
MEDICINE

SOBRE A BANDA

God's Own Medicine, primeiro álbum de The Mission UK, foi um *hit* tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. A razão óbvia do sucesso foi a maestria com que a união entre o *gótico* e o *classic rock* foi feita. Wayne Hussey (guitarra/voz) e Craig Adams (baixo) já tinham um *following* sólido devido a sua saída do Sisters of Mercy em 1985. Precedido pelo *single* "Garden of Delight", o Mission emplacou outros hits imediatos como "Wasteland", "Severina" e "Stay with me". A banda contava também com Simon Hinkler (guitarra) e Mick Brown (bateria). Outros álbuns relevantes do Mission são *Children*, produzido pelo baixista do Led Zeppelin John Paul Jones, e *Carved in Sand*, de 1990.

CRÉDITOS ORIGINAIS

GOD'S OWN MEDICINE - THE MISSION UK

Capa de Sandy Ball

Lançado em janeiro de 1987

Selo Mercury

Produzido por Tim Palmen

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.themissionuk.com



GOD'S OWN
MEDICINE

SOBRE O AUTOR

Marcelo Bretton tem 36 anos, é guia de Turismo Internacional há dezoito e, desde sempre, gosta de escrever principalmente sobre temas que envolvam religiosidade e a exotividade dos lugares ermos. Está em vias de finalizar seu primeiro livro chamado provisoriamente de “O Santo Suicida” que conta a vida atordoadada de um jovem que se vê às voltas com a negação do seu poder de cometer milagres. Conhece 72 países, lendas de toda a sorte e “causos” de cada um deles. Pretende se dedicar mais aos seus escritos, tentando mesclar as experiências de viagem com as idéias que permeiam sua mente.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

GOD'S OWN
MEDICINE



33 GOD'S OWN MEDICINE

THE MISSION UK

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. WASTELAND
2. BRIDGES BURNING
3. GARDEN OF DELIGHT (HEREAFTER)
4. STAY WITH ME
5. BLOOD BROTHER
6. LET SLEEPING DOGS DIE
7. SACRILEGE
8. DANCE ON GLASS
9. AND THE DANCE GOES ON
10. SEVERINA
11. LOVE ME TO DEATH
12. ISLAND IN A STREAM

